

Mudanças materiais e simbólicas no campo capoeirístico

Resultado de investigação finalizada.

GT 23: Sociologia do esporte, lazer e tempo livre.

Ilnete Porpino de Paiva (UFRN)

Resumen

Esta comunicação é um fragmento da tese *A Capoeira e os Mestres*. A proposta aqui foi buscar apreender as mudanças materiais e simbólicas ocorridas com a Capoeira a partir do século XX. Trabalhamos a Capoeira como um campo social na perspectiva teórica da Sociologia de Pierre Bourdieu. As entrevistas com mestres e a pesquisa em fontes escritas fez parte da metodologia empregada. As redefinições de espaços sociais e de discursos, a inserção de novos segmentos e as novas finalidades faz parte do repertório de mudanças significativas no campo capoeirístico.

Palavras-chaves: Capoeira; mestres ; Sociologia Bourdesiana

Mudanças materiais e simbólicas no campo capoeirístico

1. Introdução

2.

A partir das últimas décadas a Capoeira vem passando por mudanças de ordem material e simbólica. A redefinição de espaços de atuação, os novos discursos, a inserção de novos segmentos, a expansão pelo mundo afora, a atribuição de novas finalidades e a consolidação da profissionalização constituem sinais de mudanças que compõem o cenário da história recente da Capoeira.

A Capoeira foi vivenciando um processo de redefinição dos seus cenários e de seus autores, o que lhe possibilitou a ocupação de novos espaços sociais. As academias, as escolas – pública e privada –, as universidades, incorporaram, se apropriaram, inauguraram um novo espaço para a sua prática. Hoje, qualquer pessoa que queira praticar Capoeira pode se inscrever em uma academia do bairro, em clubes ou associações de moradores, ou praticá-la em escolas particulares e públicas, quando estas oferecem como modalidade. Antes de evidenciarmos a Capoeira e os novos espaços, situaremos no espaço macro: o espaço urbano. Os estudos revelam que ao longo da sua história, ela se desenvolveu nesse espaço. A Capoeira é, portanto, um fenômeno urbano. Ao incorporar essa ideia, é pertinente conceder a palavra ao mestre Acordeon¹.

Conhecendo as várias formas que a Capoeira se manifestou através do tempo, tanto no Rio de Janeiro como Salvador e Recife, os primeiros centros urbanos onde se desenvolveu a Capoeira no Brasil, e se nós lermos as descrições da Capoeira antiga, a meu ver, a Capoeira antiga é um fenômeno urbano. Ela se desenvolveu nas cidades, cresceu, assimilou roupas novas e influência. A cada lugar ela se apresenta, de uma certa maneira, como o arquétipo africano no Brasil, que se manifesta diferentemente (Documentário Capoeiragem na Bahia, TV-E Salvador, 1999).

¹Ubirajara Almeida (1943) é baiano. Conhecido na Capoeira como Mestre Acordeon. Foi aluno do Mestre Bimba. Em 1968 migrou para as terras paulistas. Dez anos depois viajou para os Estados Unidos onde ensina Capoeira até hoje.

O Mestre refere-se, primeiramente, ao momento que antecede à expansão da Capoeira. Praticada apenas em algumas cidades do Brasil, justifica a Capoeira como um fenômeno urbano. Conforme o Mestre, onde ela se desenvolve adquire uma maneira de ser através das influências de cada lugar. Embora a Capoeira praticada na Bahia possua características comuns, mesmo sendo de um mesmo estilo e ou grupo, há diferenças entre a Capoeira praticada no Rio de Janeiro ou em outro lugar. Ainda sobre essa discussão, pode-se dizer que as diferenças são marcas visíveis na Capoeira existentes numa mesma cidade. Ao analisar os grupos de Capoeira, Travassos (2002) na sua tese *Capoeira: difusão e metamorfose culturais entre Brasil e EUA*, chama atenção para o fato de que

o mundo da Capoeira (...) está longe de possuir algo como um estatuto ou constituição aceita por todos. Nem mesmo a existência de Federações garante uniformidade de organização e atuação dos grupos. No mundo da Capoeira não há regras universalmente aceitas; não há formação de categorias profissionais que englobam todos os capoeiristas; não há uma regulamentação geral das graduações, não há padronizações dos formatos das rodas (TRAVASSOS, 2002, p.104).

O depoimento do Mestre Cobrinha Mansa confirma essa característica presente na Capoeira. Para o Mestre, o capoeirista sempre manteve seu espírito de liberdade que lhe é conservado. Sem controle de uma instituição única para dizer como deve se comportar, como deve fazer. Assim se expressa o mestre: “Que todo mundo tem que botar a cor a, b ou c; que todo mundo tem que falar. Não é ninguém que tem que ficar mandando não”, afirma o mestre. Na Capoeira, o espaço é objetivado em diversos lugares com significações distintas. Devido às características que particularizam cada lugar, é necessário apresentar algumas considerações sobre alguns espaços novos: a academia e a escola. Embora a rua não seja um espaço predominante da prática da Capoeira, como foi em épocas passadas, tal lugar merece uma atenção.

3. Da rua para outros espaços: academia e escola

Ao tomar como fio condutor a trajetória da Capoeira no Brasil, não dá para negar que o mundo da Capoeira começa na rua. Nos centros urbanos, a Capoeira acontecia em espaços abertos, públicos e de uso coletivo. Ruas, praças e largos eram festivamente ocupadas pela Capoeira. Espaços por excelência de encontros, de comunicação e de troca, onde as relações se alimentam e se desfazem, onde as redes de sociabilidade se encontram. O uso e apropriação desses espaços estiveram presentes durante muito tempo no cotidiano dos capoeiristas. Sobre essa questão, ao se referir à capoeiragem baiana na primeira metade do século XX, Vieira (1998) afirma que, apesar de já existir no início dos anos trinta academias de Capoeira “o aprendizado informal da Capoeira, nas ruas de Salvador, predominou até meados da década de cinquenta” (VIEIRA, 1998, p. 101).

Ao narrar fragmentos de sua história no CD *João Pequeno de Pastinha*, gravado em 2000, o Mestre João Pequeno recorda a sua entrada na Capoeira e rememora tempos vividos onde o espaço da Capoeira era a rua. Nessa época, não se falava em academia, mestre, grupo. Mas, em rodas de Capoeira. Cada roda tinha uma pessoa responsável - uma espécie de liderança ou mesmo dono - como os mestres costumam falar ao se referirem a uma roda de Capoeira.

Espaço físico fechado, matrículas, horários a cumprir, quantidade de pessoas definidas, uniformizadas, aulas programadas, estabelecimentos de regras obrigatórias são sinais que marcam a diferença mencionada pelo Mestre. São práticas que traduzem uma ideia de um tipo de organização diferente da rua. Vale a pena destacar que a rua tinha uma organização; porém, diferente da instituída nas academias.

O aprendizado se dava nas rodas. As tantas que existiam tinham lugares fixos para acontecer e responsáveis - geralmente considerados donos das rodas - as quais eram identificadas pelos seus nomes,

como lembra mestre João Pequeno. Durante certo período, a Capoeira praticada nas ruas conviveu ao mesmo tempo com a que era exercida nas academias. Muitos fizeram parte de uma geração em que tanto à Capoeira de rua quanto a que era praticada na academia faziam parte do seu cotidiano.

Hoje, quase não há Capoeira de rua, mas sim, apresentações de rodas de Capoeira na rua. Pontos de encontro onde relações de sociabilidades são traçadas; constata-se que, algumas rodas são abertas no sentido de permitir a entrada de qualquer pessoa que queira participar. Outras, como forma de prevenir confusão ou briga, aceitam a participação apenas de mestres. É o que nos conta Mestre Pirajá em seu depoimento, quando disse ter criado, por volta dos anos oitenta a roda de Capoeira no Centro de Recife como forma de divulgar a Capoeira:

Eu ainda faço de vez em quando uma roda na Pracinha de Boa Viagem. Geralmente no último domingo de cada mês. Mas hoje em dia eu não permito que capoeirista estranho nenhum jogue. Eu permito só do grupo. Se aparecer algum mestre, eu permito (...). A roda de rua é uma roda descompromissada. Tudo pode acontecer. Pode descambar para violência. Você não tem controle de quem chega.

A Capoeira na academia está estruturada nos moldes que se aproxima a uma escola formal de caráter particular. Os alunos se inscrevem, fazem matrícula, obedecem a horários e têm a obrigação de pagar uma mensalidade pelas aulas. Essas ações fazem parte da maioria delas, sinalizando a presença de um processo de organização social. Ora, mas academia não se resume a essa descrição fria e burocrática; não é apenas o espaço físico.

É necessário esclarecer que o termo *academia*, empregado nesse contexto, representa a escola do mestre com todos os seus rituais, valores, códigos, significados e símbolos. A relação com aqueles que estão envolvidos com ela - aqui estamos pensando na figura do mestre - é de sentimento, dedicação, devoção. Muitas vezes, a imagem do mestre está a ela vinculada.

A presença da academia na história da Capoeira é relativamente recente. Elas começam a ser gestadas nos anos trinta do século XX. Tanto o Mestre Bimba como o Mestre Pastinha são lembrados por capoeiristas como aqueles que primeiro colocaram a Capoeira no espaço fechado. Conforme disse o Mestre João Pequeno de Pastinha,

naquele tempo, Capoeira não tinha organização; assim, academia. O primeiro a botar Capoeira no espaço foi seu Pastinha. Foi o primeiro a botar Capoeira no espaço. E eu tomei conta do grupo dele e ele me entregou; ele morreu e quando ele morreu, eu já tinha a minha academia por minha conta própria.

Esse termo *academia* não é próprio do mundo da Capoeira. Era e ainda hoje é comum ouvir falar de academia como se referindo ao estabelecimento onde acontecem treinamentos de modalidades esportivas como Karatê, Boxe, Judô, Jiu-Jitsu, entre outras. Seguindo a mesma direção, os capoeiristas, quando abriram seus espaços para ensinar Capoeira, passaram a usar o nome de *academia*.

As primeiras academias de Capoeira surgem em Salvador. Os pesquisadores são unânimes em afirmar que a primeira foi criada em 1932. Conforme Rêgo (1968) nesse ano, o Mestre Bimba foi o primeiro a abrir a academia que recebeu o nome de *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional*. Nessa época, a Capoeira vivia na ilegalidade.

O processo que culmina com o deslocamento da Capoeira para o espaço fechado tem relação com as exigências do Presidente Getúlio Vargas. Ao mencionar as regras e normas para a prática da Capoeira, Areias (1983) assinala que esta era uma forma de o presidente exercer controle sobre os atos dos

praticantes das diferentes manifestações populares. As academias viviam das mensalidades e dos turistas que por elas transitavam. Nos anos setenta elas começam a vivenciar um processo de falência. A diminuição de público nas academias - particularmente, os turistas - compromete a continuidade delas; isso porque, numa regularidade frequente, hotéis e restaurantes contratavam as apresentações de shows e espetáculos de Capoeira dos grupos parafolclóricos e de Capoeira, que viam nessas atividades, uma forma de ter um ganho material e serem conhecidos. O desejo de brincar, jogar Capoeira associava-se, nesse momento, a mercantilização.

O esquema montado pelas empresas turísticas com programações definidas, de certa forma, acabava interferindo na ida dos turistas às academias de Capoeira. Essa situação que atingia às academias, provocando a decadência das mesmas foi lembrada por Mestre Pastinha em entrevista ao jornal *A Tarde*, no dia 05 de junho de 1980, a qual resultou em uma reportagem que teve como manchete *O desabafo do mestre*. Naquele momento, já quase no fim da vida, a preocupação do mestre era de encontrar “uma forma de impedir que os hotéis e restaurantes comprem os shows de Capoeira, tirando os turistas das academias e decretando as suas falências”.

A presença da Capoeira nas escolas públicas ou privadas é um fato². A sua prática acontece na educação infantil, no ensino fundamental e ensino médio. Estudos dedicados à temática da Capoeira na escola enfatizam a importância dessa atividade para os praticantes de diferentes faixas etárias.

Para Campos (2003) através dos movimentos da Capoeira “são desenvolvidos a criatividade e o interesse pelas artes e pela cultura, proporcionando ainda uma mudança de comportamento pelas múltiplas experiências vivenciadas” (Campos, 2003, p. 17). Os responsáveis pela Capoeira nas escolas enfatizam os ganhos que esta propicia aos praticantes. Ao tratar da Capoeira na escola, em seu depoimento, Mestre Beto³ afirmou que a Capoeira ajuda as crianças e adultos nas escolas porque possibilita ao praticante adquirir segurança, concentração, reflexo, interação, disciplina e confiança. E complementa dizendo: “Porque a Capoeira livra você do stress, da depressão, mantém seu corpo em forma. Você relaxa mais, esquece os problemas, tem a capacidade de no dia-a-dia, você se sentir mais segura; é uma proteção a mais”.

A Capoeira está realmente presente nas escolas; mas de que forma? Quem ministra essas aulas e qual o vínculo estabelecido com a instituição? Segundo Mestre Nene, a Capoeira atua nas escolas, mas não faz parte do currículo oficial. A escola oferece a Capoeira como uma atividade opcional em forma de oficina ou algum projeto. Outra maneira de a Capoeira atuar no espaço escolar é via os professores de Educação Física que têm habilidade na prática da Capoeira e faz uso dela em suas aulas.

Nas escolas particulares, a Capoeira compreende o rol das modalidades oferecidas. Nesse caso, o professor de Educação Física é o responsável pela sua execução; o que provoca na comunidade capoeirística, severas críticas, particularmente por aqueles identificados com a Capoeira Angola. Haja vista que a intenção desses profissionais não é de trabalhar a Capoeira levando em conta o aspecto cultural. O que prevalece é a Capoeira como desporto, enfatizando a competição. Essa opção limita a potencialidade da Capoeira que, além da movimentação corporal, tem poesia, musicalidade e história.

A Capoeira é compreendida como uma prática cultural e esportiva. Todavia, o que tem sido levado para as escolas é a Capoeira predominantemente esportiva. Alguns mestres ressaltam a preocupação com a Capoeira desenvolvida nas instituições escolas. Segundo Mestre Valmir, o aprendizado da Capoeira numa disciplina que é dada em seis meses de curso, como acontece nos cursos de Educação Física, em que a Capoeira é uma disciplina ofertada em um semestre, compromete o seu ensino. Esse tempo é insuficiente para a pessoa estar apta a desenvolver um trabalho com Capoeira nas instituições escolares; avaliam os mestres que têm mais de 20 anos de prática de Capoeira.

²Conforme estudos realizados por Falcão (2004) a partir da década de 1970 a Capoeira se insere no contexto educacional.

³ Beto Mansinho – Adilson Souza Cardoso nasceu em 1968. É natural de Amarosa – BA. É Mestre de Capoeira formado por João Pequeno de Pastinha. Desenvolve trabalho com Capoeira em Salvador.

Na compreensão dos capoeiristas, Capoeira demanda prática, vivência, experiência e contato com os mestres. Trabalhar a Capoeira com uma visão mais ampla é o objetivo da FICA – Fundação Internacional da Capoeira Angola - entidade a qual o Mestre Valmir faz parte. O enfoque do mestre:

é o respeito para com o outro e a valorização da identidade afro-brasileira. Complementa o mestre: quando a gente fala de Capoeira, não podemos dissociar do povo negro a questão do próprio papel do negro na sociedade na construção, na formação desse país.

Mestre Valmir, quando leciona Capoeira em escola, privilegia o trabalho na área cultural, enfatizando a descendência africana e a cidadania. Não desenvolve o lado esportivo, no sentido da competição, como a maioria das instituições escolares faz. Nesse caso, os professores preparam os alunos para participar dos campeonatos.

4. Tem mulher na roda: a presença feminina na Capoeira

Há pouco tempo, uma das identificações atribuídas à Capoeira era a de que ela era coisa de homem. Ao pensarmos as modificações vivenciadas pelas manifestações culturais ao longo da sua existência, é oportuno perguntar com relação à composição delas pelos agentes sociais – homens e mulheres - será que sempre foi assim? Até a década de setenta, a Capoeira era uma prática cultural predominantemente masculina. O número de mulheres que praticavam era insignificante. Buscar as razões para isso é conhecer a condição da mulher na sociedade brasileira há pouco menos de um século, no que se refere à relação entre os gêneros e, situar o lugar da Capoeira nesse período em que a ausência da mulher era notória.

De um modo geral, a situação da mulher no Brasil até a primeira metade do século XX era muito diferente. Se fizermos uma reconstrução histórica da condição feminina no país, podemos constatar que elas estavam destinadas à subordinação, à submissão, à repressão, à discriminação e à desvalorização. Havia uma absoluta sujeição da mulher ao homem, prevalecendo o tratamento desigual.

No Brasil, essa história começa com a colonização. Durante um longo tempo, o papel da mulher era a maternidade, tomar conta das crianças e do lar. Convém lembrar que, lentamente a situação vai se redefinindo em vista das transformações que a própria sociedade passa no caminho do século XX. Essas considerações são necessárias para introduzir a apreensão do Mestre Pirajá, sobre a ausência da mulher na Capoeira até os anos setenta. Interrogado por que antes do final dessa década não tinha mulher na Capoeira, assim responde o Mestre:

Era machismo, era machismo mesmo. Porque a sociedade brasileira sempre foi machista. Hoje tá diminuindo. Mas, veja bem, a mulher apesar das grandes conquistas que já teve, mas ela sempre era vista apenas como dona de casa, criadora de menino e parideira. Esse era o pensamento daquela época antiga. Entendeu? Da época dos meus pais, dos meus avós. Hoje em dia não.

Como ponto de partida para essas constatações, incorporamos a tese da dominação masculina proposta por Bourdieu. Independente das mudanças provenientes dos movimentos sociais, especialmente o movimento feminista que foi significativo no sentido de contribuir para a redefinição do papel da mulher no espaço social, a dominação masculina encontra-se entrelaçada tanto nos homens, como nas mulheres. *Elas podem contribuir para sua própria dominação.* (Bourdieu, 1998, p. 14).

Hoje, é consenso entre os mestres enfatizar a importância da presença feminina na Capoeira. O que mudou? Mestre Pirajá conta que até o final da década de setenta não tinha mulher no seu grupo. Nessa época, ele era mestre do grupo Senzala, na cidade do Recife. Ao perguntar se era comum às mulheres

procurá-lo para fazer aula, disse que uma ou outra aparecia querendo aprender Capoeira, mas ele não ensinava.

Mestre Pirajá, atualmente, é do grupo Axé. Segundo ele, 40% dos capoeiristas desse grupo são mulheres, destacando as estrangeiras como as melhores na qualidade do jogo. A dedicação delas aos treinos é o diferencial. Ao interrogar sobre a razão que levava a não inclusão da mulher no grupo, a explicação dada por ele - formado na tradição capoeirística do Mestre Bimba - era de que estava seguindo a linha dos mestres antigos, uma tradição que parecia invariável. Mestre Pirajá ressalta que

“dentro da capoeiragem, mesmo com o Mestre Bimba e com mestres mais velhos. A única função da mulher era servir de coro, cantar, responder, bater palma. Então, pra jogar mesmo, fazer movimento, não. Isso foi a partir do início de 1980. Aí foi quando eu comecei a ter as primeiras alunas”.

O que podemos perceber quanto à participação feminina na Capoeira é que, ao manifestar-se de forma diferente - porque fazer a movimentação era prática reservada apenas aos homens -, ela vai se dando numa condição limitada. As constatações feitas apontam que, até recentemente, às mulheres na Capoeira é reservado um papel secundário. Obviamente, a tradição a qual o mestre seguia tinha na sua construção uma fortíssima influência das representações próprias de uma época em que ser mulher era manter-se quase que totalmente excluída dos espaços públicos.

O discurso que fora produzido sobre a Capoeira constituía representações de valor negativo - *Coisa de vagabundo, de marginal, de valentão*. Além do fato de que o racismo e a discriminação eram fortes na sociedade; alguns garotos que tinham vontade de praticar Capoeira eram proibidos pelos seus pais e, dirá as garotas! De um espaço masculino para um espaço comum aos dois gêneros, se formos pensar no tempo que a Capoeira tem de existência, é recente a presença feminina na Capoeira. Hoje, é significativo o número de mulheres que a praticam. No entanto, questões se colocam: onde estão as capoeiras mestras? Por que o número é tão insignificante?

Ao pensarmos a estrutura hierárquica da Capoeira e entendermos que ela não é única, pois sofre variações entre escolas, estilos ou grupos, a pesquisa revela que o número de mulheres diminui na medida em que se aproxima a titulação de mestre.

5. Da Bahia para o mundo: a expansão da Capoeira

Conforme a história recente da Capoeira a Bahia, em especial, a cidade de Salvador foi um polo irradiador de sua prática. De lá migraram capoeiristas com a intenção de desenvolver um trabalho com Capoeira nos estados do centro-sul do Brasil e no estrangeiro; inclusive para centros urbanos onde a Capoeira, praticada desde o período colonial, encontrava-se silenciada por ocasião do código penal que a reprimiu severamente. Foi o caso do Rio de Janeiro e Recife.

Pensar a Capoeira a partir dos anos setenta é reconhecer uma situação nova: a expansão histórica da Capoeira. De início, ela é situada internamente no Brasil para, em seguida, absorver o exterior. Para compreender esse processo de expansão é necessário situá-lo no contexto histórico do movimento migratório e do desenvolvimento do turismo. Por volta da primeira metade do século XX⁴, acontece em praticamente todo o Nordeste uma movimentação em direção aos grandes centros urbanos, sobretudo, para a região Sudeste – Rio de Janeiro e São Paulo. Era comum encontrar pessoas nas cidades nordestinas com necessidades e desejos de buscar melhorias para suas vidas. Entre os imigrantes nordestinos que se

⁴Sobre migração do Nordeste para o Sul (como era costume chamar as grandes metrópoles da Região Sudeste) ver Durval Muniz, *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 152.

deslocaram para cidades do centro-sul, migraram para lá aqueles que, além de terem uma profissão, tinham habilidades com Capoeira. Estamos nos referindo aos baianos - a maioria - natural de Salvador.

Em 1998 a Capoeira comemorou meio século de existência em terras paulistas. Eventos organizados por grupos de Capoeira e reportagens especiais não faltaram na programação dos festejos. Entre os discursos pronunciados com frequência, numa saudação às bodas de prata, há uma ênfase dada ao processo de expansão da Capoeira. Embora a maioria das pessoas entrevistadas tome como referência Salvador, quando o tema é a expansão, os paulistas reivindicam a cidade de São Paulo. A respeito do que vem sendo apontado, podemos perceber que a Capoeira se expandiu como consequência dessas pessoas que saíram de Salvador para trabalhar em terras distantes, quer seja em São Paulo, Nova York ou na Europa. Quase sempre a história que os mestres contam a respeito da maneira como eles chegam até esses países tem relação com convites feitos por estrangeiros, empresários ou não, após terem assistido a uma apresentação de Capoeira do grupo. O que acontece: o grupo recebe o convite para uma turnê fora. Quando termina o contrato, um ou outro integrante decide ficar.

Nas conversas com os mestres, a expansão da Capoeira foi uma questão recorrente. As representações elaboradas por eles são dotadas, na maioria das vezes, de uma valorização positiva. Esta tem relação com a garantia de uma vida melhor e com a valorização e interesse do pessoal de fora pela Capoeira que, segundo os capoeiristas, é bem maior que no Brasil. Ao falar do crescimento da Capoeira fora do país, Mestre Nenel, em seu depoimento, enfatizou o reconhecimento, a valorização e o interesse no que diz respeito à participação dos capoeiristas estrangeiros.

Fora do Brasil, a receptividade à Capoeira é muito grande. E isso é muito prazeroso. Você nasce, cresce aqui na BA, dentro da sua própria cultura e não tem um reconhecimento desse tipo. Na Europa, você vê as pessoas levando as crianças pra frequentar a Capoeira. Você vê pessoas de todas as idades. A vontade que eles têm de se envolver com a história da Capoeira é enorme. E aqui não tem essa coisa; e aí, você como baiano, como um brasileiro, como capoeirista, chega lá e vê aquilo fica alegre e triste porque a fonte é aqui.

A avaliação do Mestre Nenel a respeito da valorização e dedicação dos capoeiristas estrangeiros é repetida na fala de outros mestres quando o ponto em discussão é a atuação dos estrangeiros praticantes de Capoeira. Todavia, o reconhecimento dessa positividade vem acompanhado de preocupações no que tange às pessoas que estão trabalhando com Capoeira. Uma delas é a de que nem todo mundo que está fora tem condições de estar desenvolvendo um trabalho com Capoeira. Estes capoeiristas são acusados de falsos mestres. Ainda sobre a expansão da Capoeira, não poderia deixar de mencionar a visão do Mestre Moraes:

A partir do momento em que a Capoeira tornou-se um passaporte para as pessoas ir para a Europa, para América e tal, eu disse tudo bem, sem problemas. Agora, que a Capoeira seja levada, para esses lugares, da forma como ela é. Não alterar a Capoeira em função dos interesses de fulano, sicrano e beltrano. Entendeu? Tem um pensador, um filósofo africano que disse: ‘se querem saber o que eu sou, se querem saber o que eu sei, esqueça quem tu és, esqueça o que tu sabes’. Então, eu não acredito que eu tenho que levar a Capoeira para que ela se adapte a A, B, ou C. A, B, ou C é quem tem que se adaptar à Capoeira. (...) A forma como eu ensino Capoeira aos meus alunos aqui, é a forma como eu saio para ensinar lá. O meu trabalho com Capoeira tem sido assim, procurado levar a Capoeira para as pessoas e não para que a Capoeira se adapte às pessoas, mas que as pessoas se adaptem à Capoeira.

A forma como a Capoeira está sendo ensinada fora do Brasil é um aspecto questionado pelo Mestre. Não há uma visão hegemônica, o que provoca disputas e lutas no campo capoeirístico. Realmente, há mestres que consideram ser necessário fazer adaptação do seu conhecimento para o conhecimento das pessoas estrangeiras porque a cultura delas é diferente, justifica o Mestre Cobrinha Mansa defensor da adaptação. Como exemplo, ele citou alguns trechos de músicas⁵ que não têm sentido serem cantadas lá porque as pessoas não conhecem determinados vocabulários. Na visão do Mestre Moraes, a maneira como a Capoeira é ensinada lá fora deve persistir da forma como acontece no Brasil. À medida que a Capoeira sai do Brasil, não há necessidade de inovações, adaptações. Porque se assim acontecer, ela está deixando de ser o que é.

6. A Capoeira é também profissão

Até os anos setenta, em geral, os mestres não tinham a Capoeira como uma profissão, um ofício, um trabalho, uma atividade que o possibilitasse viver dela. Mestre Bimba foi uma exceção.

Para a maioria, a Capoeira, representava “*brincadeira nas horas vagas*”, como dizem os mestres. Ela não era oportunidade de garantir a sobrevivência. Os velhos mestres trabalhavam como estivadores, pescadores, feirantes, marinheiros, funcionários públicos, pedreiros, motoristas, cortadores de cana, entre outras ocupações. Tal evidência nega o discurso que relaciona Capoeira à coisa de malandro, de desocupado.

Numa situação outra, distinta de um passado ancorado em ilegalidade, proibição e negação, o momento da Capoeira agora é o de celebração, valorização e divulgação. Essa nova imagem pode ter influenciado as pessoas, no sentido de elas se sentirem atraídas, seduzidas e com vontade de praticar Capoeira. Para ressaltar esse aspecto, é necessário sublinhar que a Capoeira, ao conquistar novos públicos, dá oportunidade para aqueles que tinham uma vivência cotidiana com a mesma - traduzida em diversão - ampliarem seu significado, sua representação. Ela agora - além de brincadeira - é trabalho.

Diante dessa realidade, viver da Capoeira era uma possibilidade. A maioria deixou a profissão que tinha para se dedicar ao trabalho com a Capoeira - ensiná-la a quem quisesse aprender. Confirmando essa realidade, cabe destacar as palavras do Mestre Sabiá⁶, a respeito da escolha em trabalhar com Capoeira.

Todos os meus irmãos fizeram faculdade. Eu fui o único que não fiz. E depois de um tempo, o maior salário da casa é o meu. Com a Capoeira eu tive oportunidade de conhecer muitos lugares. De jantar com ministro, de fazer apresentação pra presidente. Isso tudo eu não teria se fosse professor de Educação Física e nem um médico. De ganhar lá fora por dois dias de trabalho 1500 euros. É uma grana. Entendeu? Então, a Capoeira me fez ver que a gente pode chegar aonde a gente quer. Se a gente tem vontade, se a gente acredita. É o que eu tento passar para os meus alunos. Vocês podem chegar em qualquer lugar com a Capoeira e pode chegar de forma digna, de forma honesta e se apresentar. E ter orgulho.

Capoeira que um dia foi representada como coisa de desocupado, malandro, vadio - agora é considerada, na prática, uma profissão. Hoje, pessoas vivem do trabalho com Capoeira em vários cantos do mundo. Escolher trabalhar com Capoeira, já que esta se projeta internacionalmente como um

⁵Tabaréu que vem do sertão, vendendo *maxixe*, quiabo e limão.

⁶Mestre Sabiá, cujo nome de batismo é Jair Oliveira de Faria Júnior. Nasceu em 1972 na cidade de Ilhéus. Tem 22 anos de Capoeira e trabalha com ela há 15 anos. A entrevista foi concedida à autora em 17/06/2005.

produto brasileiro de grande público passa a ser uma pretensão alcançada por muitos capoeiristas nesses tempos novos que passa o campo da capoeira.

7. Considerações finais

Apreender as mudanças materiais e simbólicas ocorridas com a Capoeira nas últimas décadas engendra redefinições. Das ruas para academias, escolas, universidades. De um discurso centrado na negatividade para um outro, centrado na positividade – deixa de ser estigmatizada, vista como coisa de malandro, desordeiro, para ser reconhecida pela sociedade. Antes praticada, predominantemente, pelas classes populares, vêm se somar a esta, outras classes, outras etnias e nacionalidades. De um espaço predominantemente masculino, para um espaço comum aos dois gêneros. Restrita aos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará, passa a ser amplamente praticada em todo o país e também no exterior. Do ensino voltado apenas para a formação de novos capoeiristas, para atuação com *finstera* terapêuticos, recreativos, educativos, de integração social. De brincadeira em horas vagas passa a ser também profissão.

Reconstituída pela narrativa dos mestres, situamos a Capoeira, a partir da segunda metade do século XX. São histórias diversas em diferentes momentos de sua tessitura. Concentrar os interesses nesse ponto é percorrer as linhas traçadas pelo tempo; é penetrar na história da Capoeira, desdobrando seu transcurso. É escrever parte dela; compreender como seu espaço foi sendo redefinido e o que isso significava.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Frederico José de. *O Barracão do mestre Waldemar*. Salvador: Zarabatana, 2003.
- _____. *Bimba é Bamba: A Capoeira no Ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- AREIAS, Almir das. *O que é Capoeira*. São Paulo: Editora Brasileira, 1983.
- BOURDIEU Pierre, *Conferência do prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada*”. In *A Dominação Masculina Revisitada*. Daniel Lins (org.). – Campinas, SP: Papirus, 1998. ESTEVES, Acúrsio Pereira. *A “Capoeira” da Indústria do Entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para turista ver*. Bureau Gráfica e Editora. Salvador, 2004.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *O jogo da Capoeira em jogo e a construção da Práxis Capoeirana*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia-UFBA, Faculdade de Educação- FAGED, Programa de Pós-Graduação em Educação. Salvador-BA, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In *Na Metrópole*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000.
- PASTINHA, Mestre (Vicente Ferreira Pastinha). *Capoeira Angola*, 3ª ed, Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador, Itapuã, 1968.
- TRAVASSOS, Sônia Duarte. Tese de Doutorado: *Capoeira difusão e metamorfose culturais entre Brasil e EUA*. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ, 2000.
- VIEIRA, Luiz Renato. *Da vadiagem a capoeira regional: uma interpretação da modernização cultural no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Departamento de Sociologia, UnB, 1990.

_____. VIEIRA, Luiz Renato. O Jogo da Capoeira. Rio de Janeiro –SPRINT 2ª edição- 1998.

_____. *A capoeira e a cultura internacional-popular*. Praticando Capoeira, São Paulo: Editora D + T, ano II, nº 18, janeiro, 2002 p.10-11.

VIEIRA, Luiz Sérgio. *Capoeira: uma matriz cultural para uma Educação Física Brasileira*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais. Pontífice Universidade Católica – PUC/SP. 1997.

REVISTAS CONSULTADAS

CAPOEIRA arte e luta brasileira, Especial: São Paulo Meio século de Capoeira. São Paulo: Editora Candeia Ltda , nº 3/1998

CAPOEIRA arte e luta brasileira, Personalidade: Entrevista com Mestre Acordeon (p. 11-13). São Paulo: Editora Candeia Ltda , nº 7/1999.

CAPOEIRA arte e luta brasileira, Personalidade: Entrevista com Mestre Onça-Tigre (p. 10-13). São Paulo: Editora Candeia Ltda , nº 8 , 2000
CAPOEIRA arte e luta brasileira, Grupo de destaque: Grupo Axé Capoeira. (Entrevista com Mestre Barrão). São Paulo: Editora Candeia Ltda , nº 12/ 2000.

DOCUMENTÁRIO

Pastinha, uma vida pela Capoeira. Antônio Carlos Muricy. Rio de Janeiro, 1998.

Documentário *Capoeiragem na Bahia*, TV-E Salvador, 1999.

DISCOGRAFIA

João Pequeno de Pastinha ,2002.